o sujeito na psicanálise

Maria Célia Delgado de Carvalho

Criatura gente é não e questão, corda de três tentos, três tranços.

João Guimarães Rosa

As diversas abordagens do conceito de sujeito trazem conseqüências para a clínica psicanalítica orientada pelas descobertas clínicas de Freud e Lacan.

Lacan considerou sua única criação o objeto *a*, no entanto as articulações que fez em torno do conceito de sujeito, muitas das quais fazia questão de atribuir a Freud, mostram-se de extrema originalidade não só pelo que introduzem como articulação clínica, como também pelos recursos de que lança mão em suas apresentações.

Do paradoxo do desejo às formações do inconsciente, Freud estabelece a diferença entre o *eu* e o *sujeito do inconsciente*. A fenda do recalcamento faz com que, na fala, o *eu* que toma a palavra diga sempre mais do que pretende. Esse "a mais" fala de uma verdade que há por enunciar, uma verdade do gozo que toca a particularidade de cada um. A partir de Lacan, não podemos mais tomar essa particularidade como individual ou pessoal. Se ela é o mais íntimo do ser, o *Kern unseres Wesens*, o cerne do ser, é também o mais "êxtimo", constituído desde o Outro. Por essa razão, Lacan usou a banda de Moebius, figura em que não há avesso nem direito, para representar o *sujeito*.

Se num primeiro momento é nos significantes que o sujeito encontra seu "sentido", esse sentido não passa de *pas de sense*, passos de sentido, que passo a passo, no decorrer da análise, vão se encaminhando ao *pas de sense*, sem sentido. Por intermédio da associação livre, emergem as formações do inconsciente, cuja função não é designar isso ou aquilo, mas justamente apontar para um mais além do sentido.

Em *Televisão*[1], Lacan diz que Freud escolheu mal o significante "inconsciente", pois seu prefixo negativo pode deixar margem à consideração de que está em função do consciente. Certamente não se trata disso. O conceito de inconsciente é

[1] Lacan. *Televisão* (1973 / 1993).

extremamente preciso para definir o que se passa com o falante, o qual, ao falar, depende da linguagem, mais especificamente da *alíngua*, que é o discurso do Outro, o qual engendra o sujeito e ultrapassa a linguagem, delimitando o campo da psicanálise.

O inconsciente instaura um corte, uma divisão, uma impossibilidade de tomar o *sujeito* pelo *eu*. Se o *eu* se quer completo, uno, correto, o *sujeito* é, por estrutura, dividido, falho, emergente entre um significante e outro, desconcertado e muitas vezes desconcertante, inconveniente, intruso. Por comparecer pela fala, carrega a marca do equívoco, do engano. Se o tomássemos por uma pessoa gramatical, seria pelo *ele* que o tomaríamos, o *sujeito* que, em francês, é *o assunto*, aquele de quem se fala e que não está lá ou só comparece pelo que dele é dito. O corte é, propriamente, o que constituirá o sujeito, ou seja, o sujeito que é levado em conta na psicanálise aparece como um eclipse, um raio que transcreve uma irrupção e deixa cair um *objeto*, diante do qual aparece ou desaparece, comparece ou some, deixando aparecer a marca disso que é tão-somente a borda do vazio, o objeto *a*, esse conceito em que Lacan condensa causa, falta, Outro e gozo.

Para demonstrar o corte que constitui o sujeito em sua relação com o objeto, Lacan lançou mão da topologia, mais precisamente da *esfera provinda de um cross-cap*, a qual se presta a responder às três problemáticas do sujeito: a) a continuidade entre o dentro e o fora, entre o íntimo e o êxtimo, como citado; b) o corte entre o sujeito e o objeto *a*: $S \lozenge a$; c) o objeto *a* se desprendendo do sujeito pelo corte.

Essa figura, que não é tridimensional, precisa ser imaginada para servir às demonstrações que Lacan pretendeu fazer por meio dela. Ao ser cortada, destaca do sujeito, representado pela banda de Moebius, um disco maleável não especularizável que representa o objeto *a*. Ao ser destacado, esse disco leva com ele o ponto em torno do qual a banda se formou. O sujeito está construído em torno de algo que não está lá, isto é, destacou-se com o objeto que caiu no ato do corte.

A formalização da psicanálise levou Lacan a introduzir três categorias por meio das quais buscava demonstrar a estrutura do sujeito tratado na análise: pelo *Imaginário* o eu se constitui, presidido pela Lei do *Simbólico*, que risca o *Real* com suas construções significantes.

O *real* não tem limites. É uma categoria formalizada por Lacan para definir o que é impensável, inimaginável, irrepresentável. É a categoria do impossível. A cada vez que precisamos formular algo, temos de bordejar esse impossível com al-

gumas premissas *imaginadas* para construir uma ordem, estabelecer uma relação, uma função, *simbolizar* alguma coisa. É a partir da linguagem como lugar do Outro que o analisante, tentando explicar sua existência, buscará alguma delimitação do sentido. A busca de algo que lhe dê uma identidade, que aplaque seu desconforto de *sujeito*, redunda em identificações que, ao deslizar metonimicamente pelos significantes, repetem um traço único e particular, marcado por ter sido apagado, o *traço unário*.

Desde seu primeiro Seminário, *Os escritos técnicos de Freud*, Lacan se esforçou em demonstrar por múltiplas vias, passando de uma elaboração formal a outra, que é porque "alguma coisa foi atada a alguma coisa semelhante à fala, que o discurso pode desatá-la"[2].

[2] Lacan. *O seminário - livro 5: As formações do inconsciente* (1957-1958), (1998)

Também na matemática, para delimitar algo no real, precisamos imaginar algumas premissas que comporão um *par ordenado*. O ponto de amarração dessa premissa a uma outra pode representar o que, na fala, constitui-se como um significante representando o sujeito para outro significante.

Num primeiro momento, é no rastro dos significantes fundadores do sujeito – significantes entre os quais o sujeito se constitui – que a análise conduz o analisante pela associação livre. Dizer disso que o assujeita e o faz gozar com o sofrimento de seu sintoma pode levar a desatar os significantes que o avassalam, porém se pararmos aí, a análise se mostra insuficiente para mudar a posição do sujeito, pois a insistência repetitiva da *tyckhê*, o encontro faltoso com o real, mantém o sujeito atrelado a seu gozo. As irrupções do sujeito no discurso são interpretações que, ao serem apontadas pelo analista, indicam sua posição diante do gozo, sua *fantasia*. A *fantasia* se constitui como a única "entrada para o sujeito no real"[3]. É a fantasia como resposta ao desejo do Outro que fixa o sujeito em uma posição de gozo.

[3] Lacan. A lógica da fantasia: resumo do Seminário de 1966-67 (2003, p. 326)

A aposta que há aí é a de que, pela reconstrução da fantasia, engajada nessa relação forjada pela transferência, "o sujeito, tornando-se tema [*sujet*], possa ser reeditado"[4]. Entrar no mundo do desejo implica suportar a Lei imposta pelo Outro a que o sujeito está submetido, ou seja, o sujeito se defronta com sua *ex-sistência* na linguagem e tem que dar conta dela. Quando ele se apaga e desaparece atrás do significante que o representa, é pelo objeto que é suportado. Esse real precisa ser desvelado e construído para que o sujeito encontre seu ponto de mutação na análise.

[4] *Ibid*, p. 327.

O que constitui a virada, a subversão do sujeito na análise, é que se o analisante busca um significante final que expli-

que sua existência e assegure sua posição no mundo, ele pode chegar aos significantes mestres que o assujeitam e o fixam em sua posição de gozo. A cadeia significante retomada, no entanto, irá levá-lo a descobrir que ela provém do zero, e que é a partir desse zero que se tem a possibilidade de criar seja lá que premissas forem. Se, de um lado, essas premissas têm a limitação de estarem submetidas ao desejo do Outro, de outro, desvela-se na análise que esse lugar é um lugar vazio, em torno do qual se bordaram as tessituras do objeto causa de desejo para o sujeito.

A análise conduz o analisante a retomar esses *objetos causa de desejo* um a um e a rever sua posição diante deles. Identificar-se com seu sintoma pode ser lido por nós como *identificar-se aí*, nesse ponto de gozo que o paralisava e o fazia sofrer, e, a partir do nada cingido, circunscrever o vazio, tal qual o oleiro a criar um tacho. No tacho, o sujeito pode, então, colocar o que melhor lhe aprouver.

referências bibliográficas

BOYER, Carl B. *História da matemática*. São Paulo: Edgar Blücher, 1974.

DARMON, Marc. *Essais sur la topologie lacanienne*. Paris: Éditions de L'Association Freudienne, 1990.

EIDELZSTEIN, Alfredo. *Modelos, esquemas y grafos en la enseñanza de Lacan*. Buenos Aires: Manantial, 1992.

KAUFFMAN, Pierre. *Dicionário enciclopédico de psicanálise: O legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

LACAN, Jacques. A lógica da fantasia: Resumo do Seminário de 1966-1967. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

LACAN, Jacques. *Televisão* (1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993

LACAN, Jacques. *O seminário - livro 5: As formações do inconsciente* (1957-1958). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano (1960). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. Do sujeito enfim em questão (1966). Em: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

MACHADO, Antonio dos Santos. *Matemática na escola do segundo grau.* São Paulo: Atual, 1998.

NASIO, Juan-David. *Os olhos de Laura.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

VILLALBA, Ivete. *As operações analíticas.* Seminário ministrado em São Paulo, setembro de 1999. Inédito.

resumo

Desde a descoberta feita por Freud em sua clínica de um sujeito dividido que não se confundia com o eu, até a descrição por Lacan do sujeito evanescente ocorreram mudanças significativas no conceito de sujeito em psicanálise.
Ao longo dos seminários e escritos de Lacan encontramos recortes que indicam as incidências clínicas que se desprendem desses avanços conceituais, possibilitando cada vez mais a formalização da clínica psicanalítica atravessada por esses significantes. Este trabalho visa a recolher alguns desses recortes, tirando deles suas conseqüências.

abstract

Since Freud's discovery in his clinic of a divided subject that cannot be taken as the self, and to Lacan's evanescent subject, there have been significant changes in the concept of the subject in psychoanalysis.
Throughout Lacan's seminars and writings, we find extracts that indicate the clinical incidences that derive from such conceptual changes, making the formalization of clinical psychoanalysis more and more possible. This work intends to reflect upon some of those extracts, and explore their consequences.

palavras chave

Sujeito, inconsciente, corte, cross-cap, objeto

key words

Subject, unconscious, cut, cross-cap, object